Dois relatos da Batalha de Manzikert (1071): a Cronografia de Miguel Pselo e a História de Miguel Ataliates

Two reports on the Battle of Manzikert (1071): the Chronographia of Michael Psellos and the History of Michael Attaleiates

João Vicente de Medeiros Publio Dias[*]
Doutorando em Estudos Bizantinos
Universidade Johannes Gutenberg de Mainz

Resumo

Os Estudos Bizantinos no Brasil estão em sua fase inicial, logo levamos em consideração que seria significativo, para seu desenvolvimento, a divulgação de traduções de fontes e documentos históricos. Logo, nesse trabalho encontra-se publicadas as traduções de dois relatos, um do historiador Miguel Pselo e outro do igualmente historiador Miguel Ataliates, sobre a Batalha de Manzikert, na qual forças bizantinas e turco-sedjulcidas se encontraram nas fronteiras orientais do Império Bizantino no ano de 1071, resultando numa vitória turca. Essa batalha teve consequências que foram além dos aspectos militares, por isso os relatos sobre elas são politicamente carregados. As traduções são, então, acompanhadas de uma introdução na qual a conjuntura pré- e pós-Manzikert é analisada, assim como as posições e as alianças políticas de cada um dos autores.

Palavras-chave: História Política, Batalha de Manzikert, Historiografia, Miguel Ataliates, Miguel Pselo.

Abstract

The Byzantine Studies in Brazil are in its initial phase. Hence we believe that it would be meaningful the publication of translations of historical sources and documents for its development. So we published in this work translations of two accounts, one of the historian Michael Psellos and other of the likewise historian Michael Attaleiates, about the Battle of Manzikert, in which Byzantine and Seljuk forces met in the eastern frontiers of the Byzantine Empire in the year of 1071, resulting in a Turkish victory. This battle had consequences beyond the military aspects. For that reason, the accounts about it are politically loaded. Thereafter, the translation are accompanied with an introduction in which the conjuncture before and after Manzikert is analyzed, as well as the political positions and alliances of each author.

Keywords: Political History, Battle of Manzikert, Historiography, Michael Attaleiates, Michael Psellos .

● **Enviado em: 31/05/2015**
● **Aprovado em: 11/08/2015**

[*] Possui Graduação em História (2002/2007) e Mestrado em História - Linha de Pesquisa Cultura e Poder - (2008/2010) pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente realizando um doutorado em Estudos Bizantinos na Universidade Johannes Gutenberg de Mainz orientado pelo Prof. Dr. Johannes Pahlitzsch e financiado pelo DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst). A pesquisa em desenvolvimento cujo título é "Oposição e resistência política contra Aleixo I Comneno (1056-1118)" tem como objetivo identificar a composição e as aspirações dos grupos opositores ao imperador bizantino Aleixo I, além de sua relação com o poder imperial.

Atualmente, os estudos bizantinos no Brasil encontram-se em estágio inicial. Para o desenvolvimento desse campo de conhecimento é necessária a publicação de manuais, estudos especializados, traduções de fontes e obras de referências, assim como uma maior articulação entre os especialistas, resultando em congressos, publicações conjuntas e, mais tarde, numa organização institucional, como acontece nos grandes centros mundiais de Estudos Bizantinos.

Movido por esse espírito, resolvi publicar traduções a partir dos textos gregos originais de trechos da *História* de Miguel Ataliates[1] e da *Cronografia* de Miguel Pselo[2] que tratam da Batalha de Manzikert (1071). Esse evento foi por muito tempo tratado pela historiografia especializada como um ponto de ruptura na História Bizantina. Abordagens mais recentes, contudo, contestam o impacto militar que essa derrota teve e destacam suas consequências políticas. Além disso, a Batalha de Manzikert foi um evento muito documentado, o que permite um cotejamento entre diversas versões. Essa deve ser – pelo que estou ciente – a primeira vez que ambas as obras são traduzidas, ainda que parcialmente, para a Língua Portuguesa.[3] Espero, assim, que esse trabalho seja um incentivo para outras traduções, dessas e de outras obras.

1. Introdução

A Batalha de Manzikert foi o último e fatal episódio dos esforços militares do imperador Romano IV Diógenes (1068-1071) para conter o crescente número de bandos turcos que invadiam as províncias orientais do Império Bizantino (vide anexo I). Essas invasões tornavam a vida dos habitantes dessa região insegura e abalavam as estruturas estatais do Império, pois comprometiam tanto o domínio militar quanto a recolha de impostos. Os imperadores-soldados do fim do século X e início do XI, como Nicéforo II Focas (963-969), João I Tzimices (969-976) e Basílio II (976-1025), legaram a Bizâncio uma estrutura militar gigantesca. Eles haviam alterado as bases do exército bizantino, trocando os soldados-camponeses (*stratiotai*) pelos soldados profissionais, nativos ou estrangeiros. Essa

1 Para tradução, lancei mão da edição do texto grego original de Maria Inmaculada Perez publicada em ATALIATES, Miguel. *Historia*. Edição por Inmaculada Pérez Martin, Tradução e Introdução por Anthony Kaldellis und Dimitri Krallis. Cambridge, Londres, Harvard University Press, 2012.

2 Para tradução, baseei-me na edição do texto grego original de Salvatore Impelizzeri publicada em 1984: PSELO, Miguel. *Imperatori di Bisanzio (Cronografia)*. Volume II (Libri VI 76- VIII). Texto editado por Salvatore Impellizzeri, comentários de Ugo Criscuolo e tradução de Silvia Ronchey. Milão, Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, 1984.

3 Essas traduções foram feitas para a realização do curso de extensão "Análise política e historiográfica da Batalha de Manzikert (1071)" realizado na Universidade Federal do Paraná. Agradeço à Profa. Dra. Marcella Lopes Guimarães pelo espaço e pelo incentivo dado.

mudança fazia sentido em aspectos políticos e militares. Os soldados-camponeses eram adequados para estratégias defensivas e de fato asseguraram a posse bizantina da Anatólia nos momentos de maior intensidade das invasões árabes (séculos VII ao IX). Contudo, no século X, o poderio militar do Califado Abássida começou a diminuir à medida que o poder político do califa se fragmentava e passou para as mãos de emires e sultões locais. Gradativamente, o califa abássida de Bagdá passou a ser uma figura simbólica, quase sem autoridade política real, controlado por dinastias estrangeiras, sendo os Sedjúlcidas uma delas.[4] Isso foi um forte alívio para Bizâncio, que simultaneamente pôs fim ao Iconoclasmo, querela religiosa que se refletiu em divisões na sociedade, a qual desviou e dividiu forças que poderiam ter sido usadas numa reação contra invasores externos.

No século X, em especial no fim dele, o Império Bizantino partiu para o ataque. As lideranças militares e políticas devem ter percebido que o soldado-camponês não era adequado para uma política ofensiva, portanto, os soldados-camponeses perderam, aos poucos, espaço para as unidades de soldados profissionais (*tagmata*), apesar de nunca terem desaparecido.[5] Havia igualmente benefícios políticos para essa mudança, pois os exércitos de soldados-camponeses se mostravam constantemente mais leais aos seus comandantes do que ao imperador, pois muitas vezes eram seus conterrâneos, grandes proprietários e figuras de destaque local. Essa disputa entre os imperadores da Dinastia Macedônica (867-1056) e as aristocracias provinciais marcou o cenário político bizantino no século X e culminou na aliança das poderosíssimas famílias Skleros e Phocas, anteriormente inimigas uma da outra, contra o jovem e inexperiente imperador Basílio II em 989. Essa rebelião quase custou o trono de Basílio II, mas ele conseguiu derrotar esse partido aristocrático, não sem ajuda de outras famílias aristocráticas menores que ganharam destaque nas décadas posteriores.[6]

Uma importante consequência das rebeliões aristocráticas e do processo de expansão foi o surgimento de uma estrutura bélica colossal, custosa e centralizada, que era ideal para o cenário político e os embates militares do século X. Essa conjuntura, contudo, começou a mudar. No século XI, o Califado Abássida havia se fragmentado em diversos potentados locais que passavam boa parte do tempo guerreando um contra o outro - tal situação foi manipulada habilmente pela diplomacia bizantina -, sendo o Califado Fatímida um aliado de Bizâncio. No

4 LEWIS, Bernard. *Los árabes en la História*. Buenos Aires, Edhasa. 2004, pp. 271-279, HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, pp. 120-279, CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações.* volume 7. Rio de Janeiro, Bertrand. 1994, pp. 95-104.

5 HALDON, John. *Warfare, State and Society in the Byzantine World: 565-1204.* Londres, Routledge, 2003, pp. 91-93; Sobre a relação de fidelidade dos soldados com seus oficiais CHEYNET, Jean-Paul/ *Pouvoir et Contestations à Byzance (963-1210).* Paris, Publications de la Sorbone, 1996, pp. 303-317;

6 CHEYNET, Jean-Paul. 1996, pp.318-336

front ocidental, a Bulgária, que por séculos havia representado a mais grave ameaça militar e política aos bizantinos, foi gradativamente anexada pelos imperadores-soldados acima mencionados. Então, Bizâncio não mais enfrentou ameaça externa mais séria nos anos que seguiram à morte de Basílio II. Isso foi bastante oportuno, pois Bizâncio encarou, neste mesmo período, uma época de incertezas políticas.

Basílio II não se esforçou para deixar um sucessor, sendo sucedido por seu irmão Constantino VIII, que portava a coroa imperial com Basílio II, mas fora deixado na sombra, provavelmente por não ter as condições exigidas para ser imperador. Seu reinado demonstrou isso, pois apesar da curta duração de seu governo, entre 1025 e 1028, ele foi marcado por um grande e rápido desperdício de recursos devido sua vida luxuosa e sua enorme liberalidade para com os seus.[7] Sem filhos varões, a coroa imperial passou para suas duas filhas: Zoe e Teodora. A sucessão dinástica nunca foi oficializada em Bizâncio, mas devido aos sucessos dos imperadores desta dinastia e de sua duração, ela parecia ser a única fonte de legitimidade possível naquele momento.[8] Assim, Zoe, mesmo tendo passado da idade de ter filhos, casou-se para legitimar governantes, pois não era aceitável em Bizâncio que mulheres governassem sozinhas. Assim, ela coroou quatro imperadores: três por casamento (Romano III Argiro, Miguel IV e Constantino IX Monomaco) e um por adoção (Miguel V). No entanto, a legitimidade trazida através de uniões matrimoniais com os últimos membros da Dinastia Macedônica não bastou, e esses imperadores tiveram que buscar apoio político. Eles adotaram, então, uma "política de generosidade", distribuindo liberalidades e especialmente títulos cortesãos a membros da classe mercantil e das corporações de ofício de Constantinopla, os quais, nas últimas décadas, haviam prosperado e ambicionavam um reconhecimento social que o dinheiro sozinho não provia. Muitos desses títulos traziam consigo prebendas e foram descritos por Pselo como um dos fundamentos do Estado.[9] Era uma forma de os imperadores recompensarem apoiadores, mas a sua distribuição

7 TREADGOLD, Warren, 2007, pp. 583-586.

8 De fato, regras fixas para o estabelecimento do sistema político bizantino, algo que num termo moderno chamaríamos de "constituição", inexistiam. Ao invés disso, temos uma tradição política composta por diversas camadas que inclui as tradições políticas romanas, uma concepção de mundo cristã e diversos fatores sociais e econômicos ad hoc. Logo, análises estruturais e amplas sobre aspectos constitucionais do sistema político bizantino são raras e complexas. Existem, contanto, reflexões sobre como essa tradição age sobre casos concretos e únicos. FÖGEN, Maria Theres. "Das politische Denken der Byzantiner" In: FETSCHER, I.; MÜNKLER, H. (Org*.). Pipers Handbuch der Politischen Ideen***.** Zurique, Piper, 1993, pp. 41–85; LEMERLE, Paul. *Cinq Études sur le XIe siècle byzantine*. Paris, Éditions du centre national de la recherche scientifique, 1977, (Le monde byzantin), pp. 251-263; ANGOLD, Michael. "Belle époque or crises (1025-1118)" In: SHEPARD, J. (Org.). *The Cambridge History of the Byzantine History, c.500-1492***.** Cambridge, Cambridge University Press, 2008, pp. 602-607; TIFTIXOGLU, Viktor. "Zum Mitkaiser des Konstantin Dukas (1081-1087/88)" in: *Fontes minores (Byzanz),* v. 9, 1993, pp. 97–111.

9 PSELO, Miguel. *Cronografia***.** 6,29, pp. 276-277.

indiscriminada resultou no colapso do próprio sistema, pois no reinado de Nicéforo Botaniates (1078-1081), os beneficiários podiam ser contados em miríades e o pagamento dessas prebendas deixou de ser feito.[10]

Uma forma de financiar essa "política de generosidade" foi o desmonte da estrutura bélica herdada de períodos anteriores. Essa ação fazia todo sentido naquela conjuntura, uma vez que o cenário mais pacífico transformava tal estrutura em algo inútil. O imperador que mais se esforçou nesse sentido foi Constantino IX Monomaco (1042-1055). Ele desmobilizou importantes unidades da fronteira oriental, substituindo-as por tropas mercenárias contratadas *ad hoc*, além de formar alianças com diversos potentados locais que fariam a defesa do território imperial. Essa reforma não foi bem sucedida, pois o Império passou, a partir de então, a sofrer novas invasões de povos nômades vindos da Ásia Central: os petchenegos e cumanos nas províncias europeias e os turcos nas províncias asiáticas.[11] Ademais, as lideranças do exército começaram a demonstrar insatisfação com as mudanças empreendidas nos anos anteriores, que naturalmente tiraram uma parte significativa de sua influência. Portanto, eclodiram grandes rebeliões militares, como a de Jorge Maniaces em 1043[12] e Leão Tornikes em 1047.[13] Porém, pouco foi feito para fazer frente às crescentes ameaças, e a insegurança era tamanha que, com a morte do imperador Constantino X Ducas (1059-1067), sua viúva, Eudócia Macrembolitissa, feita regente dos seus filhos ainda menores de idade, casou-se com o Romano IV Diógenes, considerado popular e bem-sucedido general no *front* europeu e membro de uma linhagem com tradição no exército.[14] (vide anexo II).

Seu curto reinado foi marcado por um intenso esforço contra as crescentes invasões turcas na Anatólia, que resultaram em derrotas traumáticas para os bizantinos, como o saque de Melitene em 1058 e de Ani em 1064. Ele empreendeu uma série de campanhas, a maior parte delas pessoalmente, com objetivo de tomar pontos-chave na fronteira, principalmente praças de Chliat e Manzikert. Na última campanha, em 1071, Romano IV Diógenes é derrotado em Manzikert e tomado como prisioneiro pelo sultão sedjúlcida Alp Arslan, apesar de os turcos se encontrarem em número bastante menor do que os bizantinos.[15]

---

10 ATALIATES, Miguel. *Historia*, 2012, 33, 3, p. 501

11 ANGOLD, Michael, 2008, pp. 598-602; LEMERLE, Paul. 1977, pp. 263-265; TREADGOLD, Warren. *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford, Stanford University Press, 2007, pp. 590-597

12 Sobre a revolta de Jorge Maniaces vide ATALIATES, Miguel, *Historia*. 5.1, pp.31-32; PSELO, Miguel, *Cronografia,* 6, 76-89, pp. 8-22**;** SCLYLITZES, João. A Synopsis of Byzantine History: 811-1057. 3ª edição. Cambridge, Cambridge University Press, 2011, pp.400-403

13 Sobre a revolta de Leão Tornices vide ATALIATES, Miguel, *Historia*, 6, pp.37-51; PSELO, Miguel, *Cronografia* 6, 90-124, pp. 23-67**;** SCLYLITZES, João. *Synopsis*, pp.413-416.

14 ATALIATES, Miguel, *Historia*, 16, 10, pp.179-181

15 Vide abaixo nos trechos traduzidos.

Diferentes perspectivas sobre a Batalha de Manzikert

Houve causas episódicas e estruturais para essa derrota. A episódica é que, durante uma retirada, Andrônico Ducas, um dos filhos do imperador precedente, incumbido da retaguarda, espalhou o boato de que o imperador havia caído. Isso resultou numa fuga em massa das tropas, deixando o imperador abandonado no campo de batalha, restando-lhe somente suas tropas pessoais. A razão dessa traição foi o temor dos Ducai de serem removidos, caso Romano IV tivesse uma vitória decisiva na Anatólia. Esse medo era justificado, pois ele já havia tido filhos com Macrembolitissa, logo a possibilidade dos filhos de Constantino X serem afastados da sucessão era real. Contudo, essa conspiração não teria tido efeito se o exército bizantino estivesse em boas condições. Segundo Ataliates, e veremos isso na tradução, Romano IV mobilizou as tropas temáticas que há muito se encontravam em situação de abandono. Além do mais, o autor deixa claro que as vigílias avançadas e espiões disponíveis ao imperador não estavam o informando corretamente A essas deficiências, adicione-se que os turcos apresentavam um novo tipo de combate que misturava técnicas de guerrilha montada, evitando qualquer embate direto, e atirando flechas. Os bizantinos, herdeiros dos romanos, não eram acostumados a uma guerra tão móvel. Logo, as más condições das forças bizantinas, a inteligência falha e os novos desafios apresentados pelos turcos permitiram que a traição de um dos comandantes tivesse se tornado uma catástrofe.[16]

As consequências dessa batalha não foram tanto militares, mas sim políticas, pois o sultão sedjúlcida não tinha interesse pela Anatólia bizantina e liberou o imperador em termos considerados bastante generosos. Contudo, essa derrota cortou o último fio que sustentava a estabilidade política no Império, por isso Bizâncio conheceu muitas guerras civis nos anos posteriores a batalha, para as quais diversos grupos turcos foram chamados em auxílio aos partidos em disputa. Em 1081, quando a ascensão ao trono de Aleixo I Comneno pôs fim a esse período de guerras civis, a autoridade imperial praticamente não mais existia na Anatólia e quase toda a região estava nas mãos de diversos chefetes turcos.

16 Percepções sobre a Batalha de Manzikert: CHEYNET, Jean-Claude. 1996, pp. 348; KRALLIS, Dimitri. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Tempe, Arizona, ACMRS (Medieval Confluences Series, 2), 2012, pp. 77-84, 132-134; ANGOLD, Michael. *Byzantine Empire, 1025-1204: a Political History.* Londres, Longman, 1997, pp. 44-48; VRATIMOS, Antonios. "Was Michael Attaleiates present at the Battle of Manzikert?" In *Byzantinische Zeitschrift*, 105(2), 2012, pp. 829–840; VRYONIS JR, Speros. "Michael Psellus, Michael Attaleiates: the blinding of Romanus IV at Kotyaion (29 June 1072) and his death on Proti (4 August 1072)". In: DENDRINOS, C. (Org.). *Porphyrogenita:: essays on the history and literature of Byzantium and the Latin East in honour of Julian Chrysostomides*. u.a: Aldershot, 2003, pp. 3–14.

Devido à prolificidade de fontes bizantinas do período, temos bastantes informações sobre a Batalha de Manzikert.[17] Entretanto, dois relatos se destacam não só pela riqueza de informações únicas contidas em cada um, mas também por seus pontos de vista integralmente antagônicos acerca do evento: a *Cronografia* de Pselo e a *História* de Ataliates

Miguel Pselo e sua Cronografia

Miguel Pselo[18] nasceu em Constantinopla em 1018 numa família de estrato médio, que, por incentivo de sua mãe, pode lhe dar a melhor educação possível sob a instrução de João Mauropous. Seu nome de batismo era Constantino, porém ele adotou o nome Miguel quando foi forçado a se tornar monge. Através da educação que teve, Pselo teve acesso aos mais altos círculos sociais da capital bizantina e, desse modo, pode criar relações de amizade com os futuros patriarcas João Xifilino e Constantino Licoudes e com o futuro imperador Constantino Ducas.

Ele iniciou uma carreira na burocracia civil, complementando sua renda com a função de professor. No reinado de Constantino IX, Pselo foi elevado a Cônsul dos Filósofos (*hypatos tôn philosophôn*), cuja função era fiscalizar as escolas em Constantinopla, as quais em sua maior parte eram instituições privadas. Essa nomeação era parte de uma reforma educacional promovida por esse imperador.[19] Contudo, os insucessos políticos e militares de Constantino IX resultaram na perda de favor de Pselo e, em 1054, por causa do seu filo-helenismo, teve sua fé questionada por um opositor, o poderoso patriarca Miguel Cerulário, e pelo colega e João Xifilino, seu colega de estudos com quem Pselo rompeu devido a diferenças relacionadas às concepções que ambos tinham sobre Filosofia e Teologia. Pressionado, Pselo teve que abandonar a corte de Constantino IX Monomaco para tornar-se monge. Nessa época, ele escreveu uma oração encomiástica à sua mãe. Sendo a grande promotora de seus estudos, ao compor o encômio, Pselo pretendeu escrever uma hagiografia para que, sob o manto e a legitimidade da santidade da mãe, ele pudesse justificar seu interesse e veneração à filosofia

17 Além dessas duas fontes bizantinas, há o importante relato de Nicéforo Brienio. Além das fontes gregas, podemos nos fiar em autores orientais (Miguel o Sírio, Mateus de Edessa e Sibt al-Jawzi) e ocidentais (Guilherme da Apúlia).

18 Informações biográficas gerais sobre Miguel Pselo podem ser achadas em Verbete "Michael Psellus" In: KAZHDAN, Alexander. *The Oxford dictionary of Byzantium, volume 3*. Nova York, Oxford, Oxford University Press, 1991; ANGOLD, Michael. 1997, pp. 103-104.

19 ANGOLD, Michael, 1997, pp.58-63; LEMERLE, Paul. 1977, pp. 195-248; CLUCAS, Lowell. *The Trial of John Italos and the Crisi of Intellectual Values in Byzantium in the Eleventh Century*. Munique, Institut für Byzantinistik, Neugriechische Philologie und Byzantinische Kunstgeschichte der Universität München, 1981, (Coletania Byzantia Monacensia, 26), pp. 88-98.

pagã.[20] Para Anthony Kaldellis, essa foi uma construção hagiográfica cínica, assim como foram as referências pselianas a são Gregório Nazianzeno (329-389), pois, por mais que esse pai da Igreja não fosse contra a leitura dos autores pagãos, Pselo o citava para justificar abordagens que dificilmente o santo teria aprovado.[21]

Sob o regime de Constantino X Ducas (1059-1067), Pselo ganhou outro tipo de destaque, pois o imperador o nomeou tutor de seu filho, o futuro imperador Miguel VII. Nessa função, Pselo teve um importante papel durante a minoridade de Miguel Ducas. Além do mais, quando as pretensões de Romano Diógenes ameaçaram o frágil status que ele tinha na corte, Pselo contribuiu para a queda desse imperador apoiando o vazamento dos olhos de Diógenes, após sua prisão por forças leais aos Ducai na guerra civil que seguiu à derrota em Manzikert.[22] Não se tem mais informações confiáveis sobre Miguel Pselo depois da deposição de Miguel Ducas em 1078. No entanto, a sua idade e o ocaso da Dinastia Ducas o forçou provavelmente a se retirar da vida pública depois de mais de duas décadas exercendo uma forte influência política em tempos instáveis e sendo a figura intelectual de maior destaque em Constantinopla.

Miguel Pselo foi um polímata, e sua obra, como ele gostava de afirmar,[23] "multiforme"[24] (*pantodapos).* Da filosofia neoplatônica à hagiografia, da teologia aos oráculos caldeus, das ciências naturais à história, da teoria à prática, aparentemente não havia tema ou assunto que não interessasse a Pselo. Além de um intelectual eclético, ele foi uma das figuras públicas mais eminentes de seu tempo, conseguindo achar o seu nicho ou mesmo se tornando favorito de diversos imperadores que reinaram ao longo do seu período de vida. Kaldelis o chama de fundador do helenismo bizantino.[25] Não chegamos a tanto, mas com certeza Pselo inaugurou uma nova forma de abordagem do legado clássico pelos bizantinos. Ele defendia um retorno à análise científica do funcionamento do universo iniciada pelos gregos.

Com uma abordagem muito semelhante, que surgiu nas nascentes universidades europeias alguns anos mais tarde, Pselo defendia que Deus havia criado o Universo, mas a

---

20 Sobre o Encômio de Psello à sua mãe vide KALDELIS, Anthony. *Hellenism in Byzantium The Transformation of Greek Identity and Reception of the Classical Tradition*. Cambridge, Cambridge University Press, 2007, pp. 195-196; KALDELLIS, Anthony. "Thoughts on the future of Psellos-studies with attention to his mother's encomium" In: Charles BARBER, David JENKINS. *Reading Michael Psellos*. Leiden, Boston, Brill, 2006, pp. 217-233; ANGELIDI, Christina. "The Writing of Dreams: a Note on Psellos' Funeral" In: Charles BARBER, David JENKINS. *Reading Michael Psellos***.** pp. 153-166

21 KALDELLIS, Anthony. 2007**,** pp. 207-209

22 VRYONIS JR, Speros. 2003, pp. 3–14.

23 KALDELLIS, Anthony. 2007, p. 195

24 PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego***,** Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1969.

25 KALDELLIS, Anthony. 2007, p. 191

vontade divina não estava presente em todos os fenômenos naturais. Ao criar o Universo, Deus teria estabelecido regras para o funcionamento de quase toda Criação, regras essas que poderiam ser conhecidas por qualquer um através da observação. Pselo defendia que os gregos, mesmo pagãos, conseguiram chegar muito perto de conhecer essa mecânica do cosmos. Do mesmo modo, se os filósofos cristãos quisessem, conseguiriam ter esse conhecimento se adotassem tal pressuposto. Essas ideias o fizeram entrar em confronto com o *establishment* intelectual bizantino, profundamente ortodoxo em seu Cristianismo, que era fortemente influenciado pela corrente mística de Simão, o Novo Teólogo (949-1022).[26] Para poder continuar divulgando suas ideias, Pselo lançou mão da retórica, sendo ambíguo, contraditório e principalmente irônico.[27]

A *Chronographia* caminha nessa direção. Realizando um compêndio de perfis imperiais, Miguel Psello faz em relação à humanidade e aos seus temas (Política, Psicologia, História e Retórica) uma abordagem semelhante àquela que ele realiza com o mundo natural. Isto é, ele "afasta" a inextrincável Vontade Divina de sua análise, buscando estudar o concreto observável, que, no caso, são os homens, principalmente aqueles que detêm o poder. Aliás, o próprio poder e o que ele faz com as pessoas é um dos assuntos centrais da *Chronographia*. Pselo constrói uma narrativa personalista e parcial, pois insere dados biográficos dentro do texto, dando detalhes de seus estudos e carreira política ao longo dos reinados por ele narrado. No entanto, nos últimos capítulos, exatamente aqueles que tratam do reinado dos imperadores Ducai, Constantino X e Miguel VII, a posição analítica é abandonada e trocada por uma abordagem encomiástica. Essa parte é geralmente menosprezada como um adendo de qualidade inferior, cujo estilo trai a proposta do resto da obra, elaborado simplesmente para elogiar os benfeitores de Pselo numa fase decadente de sua vida pública. Todavia, tendo visto as abordagens mais recentes a essa obra, é possível perceber que, nessa parte, Miguel Pselo esconde uma crítica mascarada de elogio, e que a *Chronographia* é um trabalho todo coerente.[28]

Devido a essa contradição, é abertamente aceito que a obra foi composta em dois momentos e mesmo assim é considerada uma obra incompleta. A primeira parte que vai até o abdicação de Isaac I Comneno em 1059, foi composta alguns anos depois desse evento. A segunda parte que narra os reinados de Constantino X, Romano IV Diógenes e Miguel VIII

26 ANGOLD, Michael. 1985, pp.109-111
27 KALDELLIS, Anthony. 2007, pp.189-224.
28 DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. "O Riso Melancólico de Psello", In:. NEYRA, Andrea V & RODRÍGUEZ, Gerardo (dirs.). *¿Qué implica ser medievalista? Prácticas y reflexiones en torno al oficio del historiador*. Vol. 1, Mar del Plata, Universidad de Mar del Plata, Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2012, pp. 219- 237.

Ducas, e que tem uma posição partidária aos Ducas, teria sido composta por volta de 1079, pois menciona o porfirogênito Constantino Ducas, o filho de Miguel VIII, como um bebê de colo. A obra foi chegou até nós somente em um manuscrito, depositado em Paris (Pr. Gr. 1182).[29]

Miguel Ataliates e sua História

Miguel Ataliates foi historiador, juiz, jurista, cortesão e proprietário de terras.[30] Ele nasceu por volta de 1025 em Constantinopla[31] ou em Ataleia[32] na Anatólia. Mais tarde, ele estudou Direito e Retórica em Constantinopla e muito provavelmente foi um aluno de Pselo, levando em consideração a cronologia e os círculos letrados que ambos frequentaram. Ao longo de sua carreira em Constantinopla, foi nomeado juiz principal. Além do mais, ele detinha a nova função criada por Romano IV Diógenes de juiz militar (*krites tou stratopedou*) que o permitiu acompanhar as campanhas militares do imperador. Ele foi feito também senador ao receber os títulos *proedros*, *anthypathos* e *patrikios*. Ao longo de sua vida, estabeleceu uma forte relação com a cidade de Raidestos através da compra de propriedades e terras. Supostamente os parentes de sua segunda esposa, com que ele teve um filho, eram enraizados ali e ele comprou deles casas e propriedades.

No final de sua vida, Ataliates compôs o *Diataxis* que era, ao mesmo tempo, um testamento e um documento de fundação de um monastério. Ele dedicou a melhor parte de suas propriedades para o cuidado do monastério e do albergue que fundou nas casas dele em Constantinopla e Raidesto.[33] Contudo, o monastério e o albergue não eram instituições separadas, mas unidas numa comunidade que foi chamada de *ptochotropheion.* Uma vez que Ataliates queria que essas instituições religiosas ficassem em mãos de sua família e não nas do patriarca ou imperador, ele assegurou a autonomia e a isenção de impostos delas através de

29 HUNGER, Herbert. *Die Hochsprachliche Profane Literatur der Byzantiner*. Vol. 1, Munique, C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1978, pp. 378-379

30 Para informações biográficas sobre Ataliates vide: HOFFMAN, Lars Marin. "Attaliates, Michael". In DUNPHY, Graeme (Ed.). *The Encyclopedia of the Medieval Chronicle.* 2 volumes. Leiden, Boston, Brill, 2010, p. 124; KRALLIS, Dimitri. 2012, pp. 2-114; KALDELLIS, Anthony et KRALLIS, Dimitri Krallis. 2012, pp. vii-xvii; TSOLAKIS, Eudoxos. "Aus dem Leben des Michael Attaleiates (Seine Heimatstadt, sein Geburts- und Todesjahr)". In *Byzantinische Zeitschrift* (58). 1965, pp. 3–10; LEMERLE, Paul. 1977, pp. 100-111; KAZHDAN, Alexander et FRANKLIN. Simon. *Studies on Byzantine Lierature of the Eleventh and Twelfth Century.* Cambridge, Cambridge University Press, 1984, pp. 23–86; VRYONIS JR., Speros. 2003, pp. 3–14; Entrada "Michael Attaleiates" In: KAZHDAN, Alexander. 1991, p. 229.

31 HOFFMAN, Lars Marin. "Attaliates, Michael". p. 124; KAZHDAN, Alexander et FRANKLIN, Simon. *Studies on Byzantine Lierature,* p. 54.

32 KRALLIS, Dimitri Krallis. 2012, p. 4; KALDELLIS, Anthony et KRALLIS, Dimitri Krallis, 2012.

33 LEMERLE, Paul. 1977, pp.100-112

dois éditos imperiais, um por Miguel VII Ducas e outro por Nicéforo III Botaneiates. Ele estabeleceu, então, a divisão da renda das propriedades fundiárias para *psychika*, isto é, os serviços religiosos, os quais deveriam ser realizados para a salvação de sua alma e de seus familiares. O resto dos recursos deviam ser divididos em três: um terço ficaria na caixa das instituições e o dois terços ficariam à disposição de seu filho Teodoro, que portaria o título de *ptochotrophos*. Paul Lemerle leu nas entrelinhas da *Diataxis* uma preocupação constante com o destino da alma do autor e de seus descendentes no dia do Juízo Final, assim como com a indivisibilidade de suas propriedades. Ela mostra, desse modo, Ataliates como um homem precavido e preocupado.[34]

Esses traços de caráter se refletiram na *História.* No Prefácio, no qual Ataliates trata das intenções de seu trabalho, ele afirmou que a História consiste em "*atos notáveis surgidos da vontade e fervor irrepreensíveis e atos inglórios surgidos a partir da tolice e desleixo daqueles que eram responsáveis por eles*.".[35]. Aqui – como na *Diataxis* – é claro o significado do cuidado e do planejamento para Ataliates. Ele confirmou essas características como um ponto decisivo para sua avaliação dos atos e indivíduos de seu tempo. Entretanto, nem todos eram capazes de determinar se as decisões dos indivíduos retratados na *História* eram corretas ou não. Para Ataliates, somente os sagazes (συνετοί)[36] conseguiam fazer isso. Para estes, a castração dos parentes de Miguel V Calafates parecia ser somente zelo sem sentido, pois ele se privou de apoio político através deste ato.[37]

Os συνετοί apareceram novamente quando Miguel V acelerou a parada dos chefes do mercado nos festejos pascais e causou, com isso, distúrbios. Para os "sagazes", isso foi um mau sinal. Na narrativa, esse evento precede a deposição da imperatriz Zoe e a consequente rebelião do povo de Constantinopla contra Miguel V, que resultou no vazamento dos olhos dele.[38] É evidente que Ataliates considerava a si próprio uma dessas pessoas perspicazes.

A *História* compreende o período entre 1034 e 1080 e é organizada em reinados. Diferentemente de Pselo, que raramente abordou eventos fora de Constantinopla e dá uma ênfase maior aos complôs dentro do palácio, Ataliates interessou-se mais pelas guerras, tanto civis quanto contra inimigos externos, e por temas relacionados às províncias. A principal característica da *Cronografia* é a descrição de personalidade complexa e a auto-glorificação do próprio autor. Ataliates, por outro lado, relatou diretamente e mostrou um interesse especial

34 Ibidem, p.111
35 ATALIATES, Miguel. *Historia*. 2,1, pp.8-9. Πράξεις ἐπιφανεῖς ἐξ ἀνεπιλήπτου βουλῆς καὶ σπουδῆς διαγράφον καὶ ἀδοξίας αὖ πάλιν ἑκ δυσβουλίας ἢ ὀλιγωρίας τῶν προεστώτων τοῖς πράγμασιν
36 Para uma discussão mais extensa sobre os "Synetoi" KRALLIS, Dimitri. 2012, pp. 107-114.
37 Ibidem. 4, 3, pp. 18-19.
38 Ibidem. 4, 4-9, pp. 18-29.

pelas populações urbanas e pelos eventos passados em Raidestos, onde ele possuía propriedades. Ataliates ocupou-se, na sua obra, com as invasões que Bizâncio sofreu durante os reinados descritos por ele e ele defendeu que a principal tarefa de um imperador era combater essas invasões e impedir a desolação consequente das regiões do Império e o assassinato de romanos (entende-se: bizantinos). O apoio ilimitado que Ataliates deu às campanhas de Romano IV foi uma evidência disso, como iremos ver mais a frente. Contudo, os bizantinos, segundo ele, preferiam combater a si próprios a enfrentar os bárbaros e, por isso, o exército teria sido negligenciado. Para Ataliates, era necessário alguém que salvasse o Império Bizantino da própria decadência.

A História de Ataliates nos chegou em dois manuscritos: o Coislinianus gr. 136 e Scorialensis E-III-9. O últimos é mais antigo, no entanto incompleto, faltando cerca de 100 páginas de textos. Desse modo, ambos serviram para composição de edições críticas, sendo que uma das mais recentes, a edição de Inmaculada Perez de 2002, é a base de nossa tradução.[39]

Uma comparação dos dois relatos

Os relatos de Ataliates e Pselo sobre Manzikert são dissonantes e desse modo complementares. A razão para isso é que, no momento da Batalha de Manzikert, os dois eram ligados a grupos políticos díspares e opostos: Pselo era ligado aos Ducai e Ataliates um beneficiado por Romano Diógenes. Essas ligações ecoam em suas visões desse evento.

O relato de Pselo inserido na *Cronografia* é amplamente negativo, apesar da conclusão que equilibra o tom duramente crítico do autor. Pselo acusa Romano IV de negar-se a ouvir bons conselheiros, sendo Pselo naturalmente um deles. Além disso, o autor afirma que o imperador é mal-informado e se recusa a aceitar notícias da aproximação do sultão. Pselo, que no início do relato gaba-se de seus conhecimentos sobre assuntos militares, acusa o imperador de ignorar a estratégia militar (ἀστρατήγητον) ao dividir o exército em dois.

Depois dessa ampla demonstração de inépcia e bazófia, a derrota de Romano IV torna-se previsível. Mesmo assim, Pselo lança mão de uma estratégia retórica e evitar condenar o imperador. O relato é concluído com um elogio à coragem do imperador que, abandonado no campo de batalha, lutou bravamente até ser capturado pelo inimigo.

Já o relato de Ataliates, mais longo e mais detalhado, tem como característica principal a marca da testemunha ocular. Ataliates havia acompanhado o exército na função de juiz

[39] KRALLIS, Dimitris. 2012. p. Xxx.

militar, cujas atribuições são questão de debate,[40] e isso o permitiu observar tudo em primeira mão. Apesar de reconhecer os erros de Romano IV, como possuir uma inteligência militar falha e dar ouvidos a conselheiros ruins que o empurraram a romper com as negociações com os turcos, o relato é abertamente favorável ao imperador e ele aprovou a divisão das forças criticada por Pselo dizendo: *"a divisão do exército (ἡ διαίρεσις τοῦ στρατοῦ) que estava com ele não era irracional (ἄλογος) e a ideia não era fora da razão estratégica (ἀπὸ λογισμοῦ στρατιοτικοῦ)".*

Para explicar a derrota, Ataliates menciona diversas vezes "*a fúria divina (θεῖος χόλος) ou razão inefável (λόγος ἀπορρητος*)" e procura por sinais que prediriam a catástrofe e que naturalmente só foram percebidos pelos "sagazes". Por outro lado, Ataliates não se esquivou de nomear alguns que ele considerou como responsáveis pela derrota por suas traições, como *magistros* José Tarcaniotes, que havia sido enviado para Chliat com parte considerável das tropas e depois desertou o imperador retornando para casa, e os Ducai, que foram acusados de sempre conspirar contra Romano IV e no momento da batalha. Segundo Ataliates, Andrônico Ducas teria espalhado o boato de que o imperador teria caído, causando o caos que iria resultar na derrota dos bizantinos e no aprisionamento do imperador.

Observa-se, em ambos os relatos, uma clara diferenciação. Miguel Pselo, um político com certa idade e em declínio, comprovou sua lealdade aos Ducai auxiliando a sabotagem contra Romano IV Diógenes e usou posteriormente a *Cronografia*, seu *memoir* político, para justificar e legitimar suas ações questionáveis. Miguel Ataliates, um funcionário público em ascensão, descontente com os desenvolvimentos políticos de sua época e admirador com restrições de Romano Diógenes, escreveu um relato mais preso aos fatos e por isso "historiograficamente" melhor. Não podemos atribuir a opinião positiva de Ataliates sobre Romano VI somente ao favor demonstrado por esse imperador ao autor. Ataliates teceu fortes críticas aos Ducai, apesar dos benefícios que Miguel VIII Ducas lhe deu.

As posições de Ataliates se devem à sua lástima pelo fato de que, em seu tempo, os bizantinos mais se preocupavam em lutar uns contra os outros do que enfrentar os bárbaros. Romano Diógenes teria sido, desse modo, um dos poucos que se esforçaram para salvar o Império de sua decadência política e moral, sendo, no entanto, sabotado pelos Ducas, linhagem que incorpora esse espírito de decadência lamentado pelo autor.

40 VRATIMOS, Antonios. 2012, pp. 829–840.

Tradução de PSELLO, Miguel. Imperatori di Bisanzio (Cronografia), Volume II (Libri VI 76- VIII). Texto editado por Salvatore Impellizzeri, comentários de Ugo Criscuolo e tradução de Silvia Ronchey. Milão: Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, 1984.

15. Não muito tempo depois, logo no início da primavera,[41] alguns inimigos passaram a causar problemas e o triunfo anterior do imperador[42] foi questionado. Então, houve novamente os preparativos para uma segunda guerra e, para falar brevemente das coisas neste intervalo, eu me tornei subordinado do exército.[43] Ele [Romano IV Diógenes] me impôs tal necessidade de marchar com ele que não era possível recusar. Logo, dizer a causa pela qual ele me fez parte disto, agora não poderia revelar, pois resumo muita coisa da História, porém contarei tão logo quando for compor sobre estas coisas. Então, eu as tenho evitado, pois através de mim se deu algum ato mal-intencionado direcionado a ele e nem fui a causa para que tudo lhe desse errado.

16. Então ele [Romano IV] concordou que era inferior a mim nos estudos em tudo – falo, no entanto, das coisas relacionadas à ciência -, mas ele pretendia ter mais inteligência do que eu nos assuntos militares. Como ele viu que eu investiguei de forma acurada a ciência militar, tais como sobre a organização e a divisão do exército, a construção de máquinas de cerco, a conquista de cidades e outras tais coisas que são da organização bélica, ele por um lado se impressionou e por outro sentiu inveja, guardou tais coisas contra mim e adotou uma postura defensiva. Eu falo a muitos que na época marcharam conosco e sabem que não é exagero desta composição.

17. A segunda guerra dele [novamente, do imperador] não foi superior à primeira, mas foi em igual medida equilibrada. Se por volta de dez mil de nós caíssemos, mas dois ou três inimigos fossem tomados como prisioneiros, nós não teríamos sido vencidos. Era grande o barulho entre nós contra os inimigos. Por isso, ele era muito presunçoso e muito grande era a sua insolência, pois por duas vezes ele havia liderado o exército. Ele não tinha razão sobre nada, mas servindo-se de conselheiros mal-intencionados, ele se desviou inteiramente do caminho correto.

---

41 As notas ao longo de ambas as traduções foram todas compostas por mim.

42 Romano IV Diógenes.

43 É desconhecida qualquer experiência bélica anterior de Pselo. Por mais que ele tivesse algum conhecimento teórico sobre a arte bélica, como ele vai se gabar mais a frente, o imperador o levou mais provavelmente como refém para evitar que ele ficasse em Constantinopla conspirando com os Ducai contra o governante.

18. Quanto à imperatriz, ele a manteve então como se fosse o carcereiro dela e não seria para ele um problema se ele quisesse também removê-la do palácio. Ele via com suspeita o césar.[44] Depois de muitas vezes ficar com vontade de prendê-lo e executá-lo, frequentemente se debatia com suas intenções e não levava para frente os seus planos. Naquele momento, então, tomara as fidelidades dele e dos filhos através de juramentos. Uma vez que não teve nobres motivos para realizar contra si[45] a decisão segundo sua opinião, novamente, pela terceira e última vez marcha contra os bárbaros incumbentes. De fato, estes não desistiram naquela primavera recém-iniciada, de saquear a terra dos romanos e com toda uma multidão de invadi-la. Desse modo, ele [Romano IV Diógenes] parte novamente, trazendo consigo uma força e um grupo de co-combatentes bem maior do que as anteriores.

19. De forma igual, ele [Romano IV] agira nos assuntos da guerra e da política sem conhecimento a partir da adoção de medidas. Depois de partir imediatamente com o exército, ele se apressou em direção a Cesareia[46]. Depois disso, hesitou em avançar mais e começou a dar pretexto a si próprio e aos outros para voltar para casa. À medida que não era possível suportar a desonra, era necessário firmar um tratado com os inimigos e impedir seus ataques anuais. Porém, quer tendo desistido desses objetivos, quer tendo sido mais confiante do que devia, ele [o imperador] avançou sobre os inimigos sem o cuidado necessário. Como eles, porém, perceberam o avanço e querendo conduzir este gradualmente mais para frente e trazê-lo para dentro de uma armadilha, avançavam com seus cavalos e novamente retornavam, como se eles tivessem resolvido fugir. Depois de fazerem isso repetidas vezes, eles tomaram alguns dos generais e eles os puseram sob o domínio deles.

20. Não me escapava – mas escapava àquele [ao imperador] – que de fato o próprio sultão, o rei dos persas e dos curdos, estava junto da expedição, ele era o mais bem sucedidos nas coisas que realizava, mas o imperador não confiava no informante, se um deles detectava isso. De fato, ele [Romano Diógens] não queria a paz, mas acreditava que tomaria o acampamento do inimigo sem um golpe. Como se nunca tivesse sido um general (ἀστρατήγητον), dividiu suas forças, uma ele manteve consigo, outra ele enviou para outro lugar. Era necessário opor-se aos inimigos com todo corpo principal do exército, mas ele os enfrentou com uma parte menor.

21. O que aconteceu depois disso eu não sou capaz de aprovar, mas não posso censurar. Ele assumiu todo o risco. Tais assuntos são o centro de uma controvérsia. De fato, se

44 O césar João Ducas, irmão do imperador Constantino X e ex-cunhado da imperatriz Eudócia Macrembolitissa. Ele era o líder da linhagem Ducas e por isso, um adversário de Romano Diógenes.
45 Contra o césar João Ducas
46 Da Capadócia.

alguém reconhece que o homem foi audacioso e um combatente dispostíssimo, este alguém poderia ter uma oportunidade para um encômio. Porém, se alguém reconhece que é necessário, segundo a disciplina estratégica, manter-se a frente quando ela finalmente encontra o comandante supremo da campanha, e ordenar as coisas necessárias para o exército, ele se arriscou irracionalmente e este alguém poderia escarnecê-lo muito. Eu estou entre aqueles que aplaudem, mas não entre aqueles que censuram.

22. De fato, ele [Romano IV] se armou com a panóplia militar e desembainhou a espada contra os inimigos. Como eu ouvi de muitos, ele matou muitos inimigos e empurrou outros a fuga. Posteriormente, quando foi reconhecido por aqueles que caíram sobre ele, ele foi cercado por estes por todos os lados. Caiu do cavalo ao ser acertado e, consequentemente, nas mãos do inimigo. O imperador dos romanos foi levado como cativo ao acampamento do inimigo e o exército dispersado. Houve uma pequena parte que escapou, mas da maioria uns caíram nas mãos dos inimigos e outros se tornaram trabalho para as facas.

Michael Attaleiates: *Historia,* Edição de Inmaculada Pérez Martin, Tradução e Introdução de Anthony Kaldellis und Dimitri Krallis. Cambridge, London: Harvard University Press, 2012. Pp. 270

20.9. Portanto, depois de o imperador ficar ali[47] por poucos dias, ele anunciou a todos para se suprirem com alimentos para dois meses, pois eles estavam a ponto de atravessar um país desabitado e destruído pelas tribos. Depois que todos cumpriram o prescrito com cuidado, o imperador despachou alguns mercenários citas[48] para pilhagem de Chliat e procura de alimentos. Depois de ter feito isso em primeiro lugar, ele enviou os germanos, chamados de francos, com um que os liderava, um homem de mãos fortes de nome Rousselios[49]. Aquele [Romano IV Diógenes] marchou atrás com o resto do exército e não considerou unir-se àqueles que foram enviados anteriormente para atacar Chliat, mas, dado que o chefe dos Persas – que na língua destes sabia chamar este de Sultão – veio no ano anterior para subjugar para si a cidade romana chamada Manzikert e estabelecer lá sentinelas capazes, turcos junto aos Dilimnitas, como guarnição, o imperador, então, determinou primeiro atacar esta cidade, arrebatá-la e retorná-la à autoridade romana, e impor, assim, danos aos estrangeiros, ou em verdade à Chliat, localizada em um raio não muito distante (de Manzikert).

20.10. Ele desprezou, então, os inimigos que guardavam a fortaleza em Manzikert. Como se não fossem suficientes para suportar o seu ataque, separou outra unidade maior do exército e confiou seu comando a um dos seus notáveis, ao *magistros* José Tarcaneiotes[50], tendo lhe cedido também unidades não negligenciáveis de infantaria. O exército confiado àquele [ao *magistros*] era uma seleção de soldados inconquistáveis, que se arriscavam no combate corpo-a-corpo e em outros tipos de batalha, lutando na frente e excedendo muito em número àqueles comandados pelo imperador. De fato, nos combates precedentes, uma emergência grande o suficiente não ameaçara aos romanos na presença do imperador a ponto de fazer a sua própria unidade, chamada habitualmente de *allagion*, se arriscar

47 Theodosioupolis

48 Os bizantinos tinham um grande apreço em usar termos antiquários para descrever seus inimigos e a si próprios. Os citas eram originalmente um povo iraniano nômade da Antiguidade descrito por Heródoto. Naturalmente, Ataliates não está tratando desses citas, mas dos petchenegos e cumanos.

49 Roussel de Bailleau, um chefe normando.

50 *Magistros* era um título cortesão de ordem senatorial localizado acima daquele de *anthypathos*. Sua origem era o título de *magister officiorum*, que era o responsável pela administração central do Império Romano da Antiguidade Tardia. Posteriormente, esse título perde essa função e passa a ter somente uma função honorífica. Vide anexo III para consultar a hierarquia de dignidades cortesãs para barbados, isto é, não-eunucos, pois além dessa hierarquia havia dignidades e cargos específico para eunucos e homens da Igreja. Essa lista foi tirada da Oxford Dictionary of Byzantium, a qual, por sua vez, foi baseada no Kletorologion de Filoteu, composto no final do século IX. É importante mencionar que essa hierarquia variou no decorrer dos anos com a criação de certas dignidades e o desaparecimento de outras.

completamente e participar da batalha. Mas sendo que as *allagia* remanescentes haviam apressado a vitória rapidamente, as tropas que ficavam à volta do imperador ficaram fora das disputas bélicas, tendo ignorado qualquer forma de batalha e combate corpo-a-corpo.

20.11. Tarcaneiotes, tendo levado consigo as tropas escolhidas que ele antes recebera pessoalmente, levantou acampamento e dali tomou o caminho que leva a Chliat para ajudar os citas e os francos enviados anteriormente, pois havia sido reportado que os inimigos caíram sobre eles com uma grande multidão de dez mil homens e ao mesmo tempo para preservar as colheitas fora da cidade, de modo que ao serem colhidas e levadas por aqueles que se encontravam dentro de Chliat, não causasse escassez ao exército, quando o imperador se transferisse para lá e passasse tempo cercando a cidade. A guerra os cercou duplamente: parcialmente pelo inimigo e parcialmente pela fome.

20.12. Depois de o imperador considerar essas coisas, ele separou o exército esperando subjugar rapidamente Manzikert, o que de fato aconteceu, e em pouco tempo pôr em ordem as coisas nesta cidade e então retornar a casa, mas se algum combate se levantasse contra eles sem aviso, ele esperava chamar, através de mensageiros, seus soldados, que não estariam à grande distância. De fato, foi informado a ele por parte dos batedores, que o sultão tinha pressa em retornar à Pérsia. Com relação a este relato, a divisão do exército[51] que estava com ele não era irracional,[52] e a ideia não era fora da razão estratégica,[53] exceto se algum destino, ou melhor, a fúria divina[54] ou razão inefável[55] determinasse o resultado para o oposto. Perto do fim dos trabalhos, da partida dali e da aproximação no mesmo dia do exército dividido, o sultão ocupou antecipadamente sem trégua, e as coisas planejadas foram impedidas de serem realizadas. No entanto, a maioria,[56] que é ignorante quanto à causa da divisão, concede a culpa àquele, como se ele não tivesse feito a divisão da forma correta, mas eles não colocam nenhuma reflexão sobre a causa das coisas que caíram sobre nós conforme a inteligência e o coração deles.

20.13. Quando imperador se aproximou de Manzikert, ele determinou que o acampamento fosse montado com toda preparação em algum lugar perto e que uma paliçada fosse montada segundo o costume. Depois de tomar junto de si um selecionado de soldados, ele contornou a cidade, inspecionando de que forma ele faria um ataque fácil contra as muralhas e como ele conduziria as máquinas de cerco. De fato, ele as tinha montado, segundo

51 ἡ διαίρεσις τοῦ στρατοῦ
52 ἄλογος
53 ἀπὸ λογισμοῦ στρατιοτικοῦ
54 θεῖος χόλος
55 λόγος ἀπορρητος
56 οἱ δὲ πολλοὶ

um acordo pré-estabelecido, com todos os tipos e tamanhos de madeiras e levadas por mil carroças não conectadas. Ele conduziu rebanhos incontáveis de diferentes gados para os gastos do exército. Os inimigos lá dentro fizeram os gritos de guerra, desembainharam as espadas e usaram as armas de longa distância. Depois de o imperador cavalgar com escudo em volta da muralha, ele retornou ao acampamento.

20.14. Depois de a infantaria dos armênios atacarem o muro fora da cidadela e lançarem muitos ataques, eles o tomaram no primeiro ataque quando o sol correu para o oeste. Depois de o imperador se alegrar com o acontecido, eles receberam enviados dos inimigos pedindo para ter piedade, chegar a um acordo sobre as próprias posses e, através de tal acordo, ceder a cidade ao imperador. Depois de ter concordado sobre isso e honrado os enviados com presentes, ele [Romano Diógenes] despachou imediatamente alguém para receber a fortaleza. Os de dentro, contudo, não permitiram que uma guarnição fosse admitida (na fortaleza) naquele momento para que nenhum mal fosse produzido pelos inimigos ao longo da noite. Eles pareciam não ter respeito e ter dado um falso testemunho no acordo. Por causa disso, o imperador mandou imediatamente soar as trombetas de guerra, saiu do acampamento com todo o exército e aproximou-se das muralhas. Os turcos, aterrorizados, recorreram a desculpas e pediram mais garantias da salvação. Ao recebê-las, eles saíram da cidade com suas coisas e dobraram os joelhos ao imperador, não com mãos vazias, mas todos armados com espadas, e um grande número se aproximou do imperador, que estava sem armadura, o que eu mesmo que estava presente verdadeiramente não aprovei, pois o imperador misturava-se sem couraça com confiança no meio de homens mortíferos que vivem em loucura e rudeza. Contudo, algo diferente aconteceu, que, por um lado, dá exemplo do zelo de justiça do imperador e, por outro, molda a desmedida e não pia retribuição dele. De fato, um dos soldados foi acusado de ter subtraído um burrinho turco. Ele foi trazido em pessoa ao imperador amarrado. Uma punição, que excedia o crime cometido, foi estabelecida, pois a pena não fora determinada em dinheiro, mas em corte de nariz. Depois que o homem tinha pedido muito e aberto mão de tudo que ele tinha, ele propôs como intercessora a mais sagrada imagem exaltada por todos da Nossa Senhora Portadora de Deus[57] de Blachernes[58], que tinha hábito marchar junto com os piedosos imperadores em campanhas como arma invencível. Contudo, a compaixão não entrou no coração do imperador e nem a reverência pela inviolabilidade vinda da imagem sagrada, mas à vista do imperador e de todos e com o

57 Theotokos: um dos títulos dado a Maria, mãe de Cristo, pela Cristandade Ortodoxa.
58 Blaquernes era um distrito de Constantinopla onde se localizava um importante santuário de culto mariano.

ícone hasteado, o infeliz teve o nariz cortado, depois de gritar muito e gemer profundamente. Naquela época, eu mesmo previ que nós teríamos um grande castigo vindo de Deus.

20.15. Depois de colocar na cidade muitos soldados romanos no lugar dos inimigos e estabelecer um general, ele [o imperador] retornou ao acampamento exaltado com cantos de júbilo, aclamações e gritos para vitória. No dia seguinte, com ele estando a ponto de assegurar a cidadela através de acordos escritos e liberalidades àqueles que estavam lá dentro e apressar-se imediatamente a Chliat, espalhou-se um boato de que o inimigo de alguma parte atacava os servos dos soldados que saíram para saquear. O rumor informava, além disso, que eles os jogaram em confusão e os exauriam. Depois que relatos chegaram um após outro, o imperador pensou que algum oficial do sultão aproximava-se com algum destacamento e atacava aqueles entre os servos dos romanos que estavam dispersos. Ele enviou, por conseguinte, a fim de repeli-los, o *magistros* Nicéforo Brienio com força suficiente, o qual permaneceu na linha de frente e realizou algumas escaramuças e combates montado, não de forma decisiva, pois eles caíram uns sobre os outros em pequenas divisões. Nesta circulação incerta, os turcos estavam atingindo seus objetivos, muitos romanos eram feridos e outros caíam, pois eram mais fortes que os outros turcos que nós conhecíamos e se lançavam mais corajosamente. Ele se opunha àqueles que se aproximavam na luta corpo-a-corpo, até que o general mencionado [Nicéforo Brienio] foi abalado pelo medo e pediu outras forças junto ao imperador. Mas ele, observando a covardia dele [de Brienio], pois não sabia da verdade, por um lado não enviou ninguém e por outro, organizando uma assembleia, falou publicamente sobre a guerra, usando, contra o costume, palavras bastante duras. No meio disto, o sacerdote indicou a aclamação do Evangelho, sobre o qual [os que lá estavam] mantinham nos corações que as coisas que lhes seriam ditas dariam o acesso aos eventos que caiam sobre eles. Se eu mesmo fora parte destas coisas, não é necessário dizer. O Evangelho era este, para deixar outras coisas de lado: "*Se a mim me perseguiram, também perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. Mas tudo isto vos farão (...), porque não conhecem aquele que me enviou.* (João 15:20-21) *Vem mesmo a hora em que qualquer que vos matarem cuidará fazer um serviço a Deus* (João 16:2)".[59] Então, imediatamente, os que prognosticavam isto (um sinal) começaram a se afligir e deduziram que o dito era, na sua indicação do futuro, verdadeiro.

[59] Tradução tirada da Biblia Almeida Corrigida Fiel (ACF).

20.16. Enquanto a batalha campal recrudescia, o imperador enviou também o *magistros* Basilakes, *katepano*[60] de Theodosioupolis, com alguns soldados locais, pois o resto estava com Tarcaniotes em Chliat. Depois de ter sido posto ao lado de Brienio, ele próprio também participou da escaramuça por algum tempo. Depois que os soldados concordaram em segui-lo, ele próprio prometeu os liderar. Tendo Basilakes enviado-os imediatamente para batalha, e tendo o inimigo virado as costas, este os perseguiu. Brienio seguiu-o com uma multidão, mas então exortou os que estavam à sua volta a conter as rédeas através de um sinal combinado sem que Basilakes soubesse. Ele o abandonou somente com alguns que o obedeciam para seguir só, sem forças, por uma grande distância. Depois que ele chegou ao acampamento dos inimigos, seu cavalo foi ferido e ele posto no chão, trazendo sobre si o peso das armas. Por isso, os inimigos os cercaram e o capturaram vivo.

20.17. Depois que essa notícia chegou ao imperador e ao exército, a covardia e a expectativa do perigo caíram sobre os romanos, ainda mais também quando os feridos eram trazidos de volta em macas e gemiam com as dores das feridas. Tendo sido compelido, o imperador saiu com o resto de suas tropas para ver o acontecido e para lutar, caso alguma luta se aproximasse dele. Até o anoitecer, ele permaneceu no cume de certa montanha alta. Dado que ele não viu alguém para combater, pois os turcos vivem em perversidade e em misteriosas intenções e realizam tudo através de artifícios e atalhos sinuosos, ele [Romano Diógenes] retornou ao acampamento exatamente quando o sol deixa para traz o hemisfério sobre a terra (i.e. o céu). Mas os turcos, como se fosse uma artimanha, espalharam-se depois e lançaram-se violentamente contra os citas fora do acampamento e contra os que vendiam víveres com uivos inarticulados e tiros de arco. Eles cavalgaram ao redor e levaram muito medo e perigo, por isso aqueles que sofriam o ataque foram forçados a ficar dentro do acampamento. Em multidões, um sobre o outro, eles forçavam, então, a entrada como se estivessem sendo perseguidos e eles encheram a parte interna do grande acampamento pensando que os inimigos atacavam, e ao mesmo tempo que todo o acampamento com toda bagagem estava fácil de conquistar. Afinal, era uma noite sem lua e não havia distinção entre os que fugiam e os que perseguiam, e aqueles que eram das unidades inimigas, pois os mercenários citas, sendo similares aos turcos com relação a tudo, criaram imediatamente uma imposição confusa. Então, surgiu um medo desordenado, maldições, gritos misturados e ruído sem sentido, tudo parecia estar com tumultos e com perigos, e cada um preferia morrer a ver tal evento. Não percebê-lo era considerado como sorte e considerava-se como bem-

60 *Katepano* era, nesse período, o termo para designar o governador das maiores províncias do Império (Bulgaria, Itália, Mesopotâmia). Mesma coisa que *strategos.*

afortunado o que não vira isso. Ainda que os romanos estivessem nesta situação de sofrimento, os inimigos não conseguiram invadir a parte interna do acampamento, pois estes levaram em consideração o risco do momento e usaram o senso comum para si próprios. Na verdade, eles não se apressaram de volta, mas por toda a noite eles rodearam todo o lado de fora do acampamento dos romanos com corridas e movimentos circulares, atirando com arco e flecha e com violência, uivando por todos os lados e os aterrorizando para que todos passassem a noite com olhos abertos e em vigília, pois quem poderia também desfrutar do sono, quando o perigo mostra a espada desembainhada?

20.18. Contudo, no dia seguinte, os inimigos não pararam de cavalgar e de desafiar para batalha, mas eles [os turcos] puseram sob o domínio deles o rio que fluía fora e estavam ansiosos para fazer os romanos sofrerem com a sede. Neste dia, uma unidade cita que tinha um comandante chamado Tamin reuniu-se com os inimigos, o que jogou os romanos em angústia não pequena. Eles passaram a suspeitar do resto do povo que se pareciam com os inimigos, eles viveriam doravante com estes e estavam a ponto de lutar com eles. Contudo, alguns dos soldados da infantaria saíram com arcos, mataram muitos turcos e os forçaram a saírem do acampamento.

20.19. O imperador queria decidir o fim da batalha naquele momento através do combate corpo-a-corpo no campo oposto. Contudo, esperando os soldados que estavam distantes em Chliat – uma multidão de número não desprezível, sempre acostumada a lutar na frente e especialmente treinados para dança pírrica[61] - ele protelou esta batalha. Mas quando o imperador desistiu da expectativa de ajuda destes e assumiu que alguma força os impedia de chegar, ele então planejou, de forma intrépida, lutar contra o inimigo no dia seguinte com aqueles que estavam junto de si. Ele tinha igualmente a esperança de que as tropas não tardariam mais do que o dia seguinte, pois ele ignorava que o general destes, ao saber do ataque do sultão contra o próprio imperador, correu para o território romano, depois de juntar todos à sua volta, e sordidamente fugir através da Mesopotâmia. O desgraçado não manteve sua palavra nem com seu senhor nem com a decência.

20.20. Certamente, o imperador preparou-se para a guerra no dia seguinte, segundo o combinado. Ele fez os arranjos das próprias coisas enquanto estava sentado dentro da tenda imperial. Quando ele quis remover a suspeita sob os citas e eu mesmo aconselhei a atá-los ao imperador através de um juramento e certamente aceitando meu conselho, ele me nomeou imediatamente como o responsável e realizador do trabalho. Por conseguinte, eu os atei sob

61 Um arcaísmo para descrever a guerra.

um juramento, segundo o costume, de que eles certamente sem conspirar se manteriam fiéis ao imperador e aos romanos. Deste modo, eu os fiz sinceros guardiões do pacto e não falhei no que diz respeito aos meus objetivos, pois nenhum destes entregou-se aos inimigos no momento da batalha.

20.21. Enquanto tais coisas aconteciam, os soldados se punham armados sobre seus cavalos segundo a ordem de batalha e a divisão das unidades, chegaram emissários enviados por parte do sultão trazendo uma mensagem propondo paz para ambos os lados. O imperador recebeu-os e deu palavra a eles segundo as regras da diplomacia, mas ele não acolheu estes de uma forma completamente benevolente. No entanto, ele concordou e concedeu o sinal reverenciado,[62] para que, através da exposição deste, eles retornassem sãos e salvos para ele, quando eles recebessem a mensagem que eles ouviriam do sultão. De fato, exaltado pela inesperada informação posta, ele deixou claro que o sultão deveria abandonar o lugar do acampamento e acampar mais para frente, e o próprio imperador iria estabelecer um campo cercado naquele lugar, o qual reteve primeiramente as tropas turcas. Então, ele deveria se aproximar dele para concluir o tratado. Desapercebidamente, ele transmitiu a vitória aos inimigos através do sinal vitorioso, como os que examinam estas coisas minuciosamente concordam, pois ele não deveria, quando a batalha estava preparada de antemão, transferir aquele sinal de si próprio para os inimigos. Doravante, nós temos um discurso desagradável por causa da dificuldade dos infortúnios, da reputação muito ruim e do pior agouro que já recaiu sob os romanos.

20.22. A chegada dos emissários não tinha ainda nem fim e nem adiantamento e alguns próximos do imperador o convenceram a rejeitar a paz, como se ela mentisse com relação às intenções, ou melhor, mais enganasse do que desejasse algo vantajoso, pois eles diziam que o sultão estava com medo porque suas forças não eram extraordinárias e ele esperava as suas tropas que marchavam logo atrás. Através do pretexto da paz, ele estaria comprando tempo, para que, desse modo, os que vinham atrás os alcançasse. Essas palavras despertaram o imperador para a guerra.

20.23. Enquanto os turcos ocupavam-se entre eles mesmos dos assuntos da paz, o imperador soou as trombetas da guerra e fez ressoar irracionalmente o clamor da batalha. Depois que a notícia chegou aos inimigos, ela os surpreendeu. Então, eles, que já haviam se armado neste meio tempo, impeliram a massa inútil[63] para trás e posteriormente deram a aparência de uma linha de batalha pronta para resistir. Mas, com relação à maioria, uma

62 Segundo Kaldellis e Krallis, uma cruz imperial.
63 Os não-combatentes.

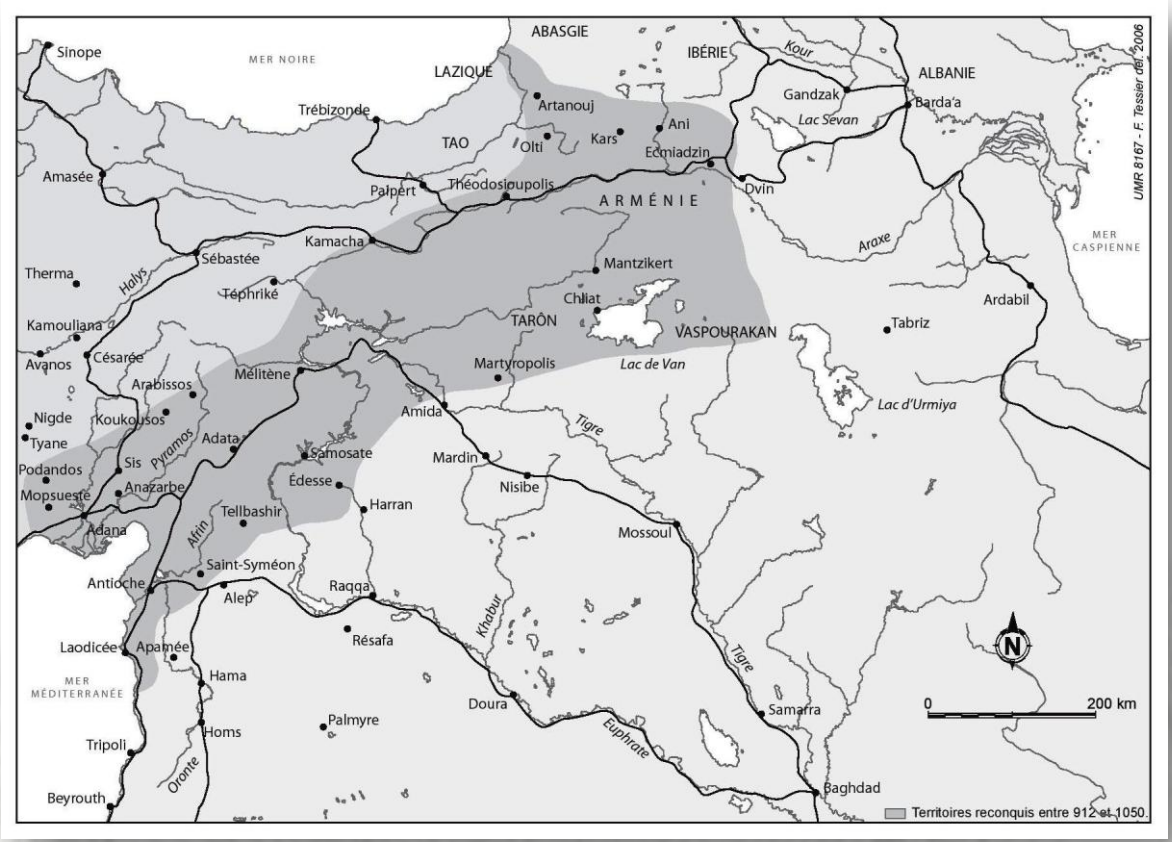
vontade de fugir os possuiu quando eles viram as falanges romanas em ordem e numa linha de batalha disciplinada. De fato, eles recuaram, mas o imperador os perseguiu com todo o exército até a noite começar a cair. Posto que o imperador não tivesse opositores e alguém que o enfrentasse, percebendo o acampamento desprovido de soldados e sentinelas, porque ele não tinha um exército suficiente para deixar nesse local como uma linha de batalha, e estando a maioria já cansada, como já foi discutido anteriormente, ele decidiu não mais estender a perseguição para que os turcos não fizessem uma emboscada e se pusessem sobre aquele campo desguardado. Ao mesmo tempo, ele considerou que, se ele se afastasse mais, a noite iria cair sobre ele no seu retorno e então os turcos iriam reverter a fuga, atingindo-os de longe. Por isso, ele virou o estandarte imperial e deu indicação de retorno. Mas quando os soldados que se encontravam longe da linha da frente viram a bandeira imperial ser virada, eles pensaram que o imperador estivesse caído derrotado. De fato, muitos estão completamente seguros que um daqueles que o cercavam (τῶν ἐφεδρευόντων αὐτῳ), um primo de Miguel (Ducas), o enteado do imperador[64], tendo um conluio considerado anteriormente contra ele, espalhou tal boato entre os soldados. Tomando rapidamente os seus, pois ele foi confiado pela bondade do imperador com uma grande parte do exército, ele retornou fugindo ao acampamento. As unidades mais próximas imitaram-no e passaram um por um a fugir sem lutar. Outros [seguiram] estes. Assim quando o imperador viu o evento inesperado da fuga da batalha, ele permaneceu com aqueles à sua volta, tentando cancelar a debandada dos seus segundo o costume, mas ninguém o ouvia.

20.24. Os inimigos permaneceram no topo da montanha. Vendo o súbito infortúnio dos romanos, eles anunciaram ao sultão o acontecido e exigiram duramente uma reação da parte dele. Imediatamente, então, ele retornou, e o imperador enfrentou uma dura batalha. E este ordenou àqueles que estavam à sua volta a não desistir e nem esmorecer e defendeu-se formidavelmente por muito tempo. Enquanto isso, a fuga dos outros se verteu para fora do acampamento. Houve uma gritaria confusa vinda de todos e uma correria indisciplinada; nenhum relato correto era informado. Uns falavam que o imperador defendia-se vigorosamente junto àqueles que restavam a ele e que ele pôs os bárbaros em fuga, outros anunciavam que ele fora ferido e capturado, mas outros se levantavam conjuntamente e inversamente anunciavam a vitória de cada lado, até que muitos dos capadócios que estavam com ele começaram um por um a desertar ali. Se eu mesmo de alguma forma, opondo-me àqueles que fugiam, defendi-me junto a muitos, ordenando a reversão da derrota, outros

64 Esse era Andrônico Ducas, filho do césar João Ducas.

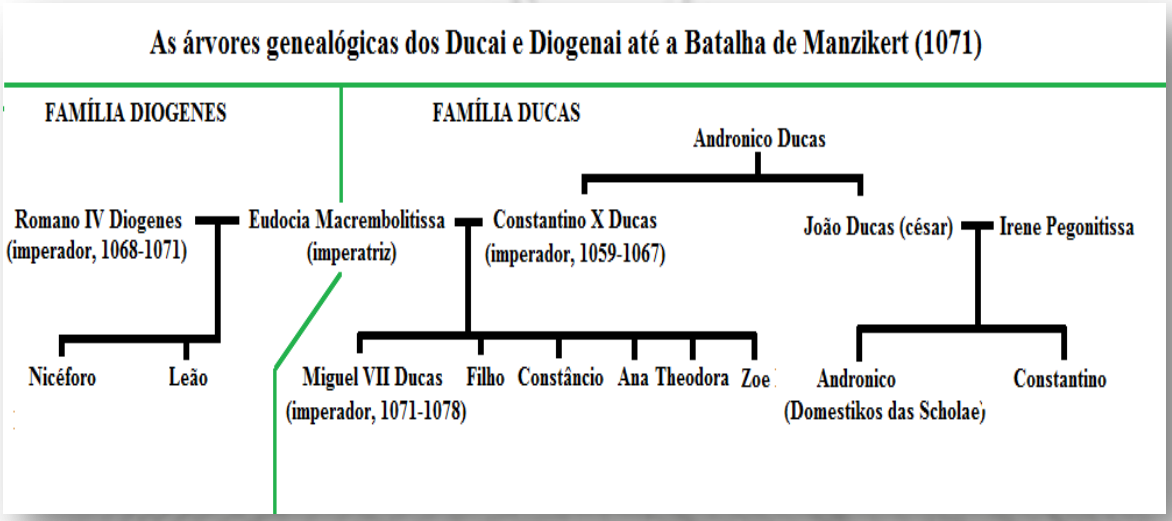
deverão contar. Posteriormente, muitos da cavalaria imperial retornaram com seus cavalos e responderam, quando perguntados sobre o que aconteceu, que não viram o imperador, era tal a comoção, a lamentação, a aflição, o medo repentino e a nuvem de poeira. Finalmente, os turcos nos cercaram por todos os lados. Por isso, na medida em que cada um tinha de impulso, força e velocidade, confiava-se a própria segurança na fuga. Os inimigos perseguiam, matando uns e capturando outros. Outros eles pisoteavam. Era um acontecimento muito doloroso que superava todas as lamentações e prantos. Pois o que é mais lamentável do que a perseguição de todo o exército imperial derrotado e posto em fuga por bárbaros desumanos e rudes? Do que o imperador sem socorro possível cercado por armas bárbaras? Do que as tendas imperiais, assim como as dos oficiais e soldados, tomadas por tais homens? Do que perceber todo o Estado Romano arruinado e observar que o Império estava prestes a desabar? (...)

Anexo I: As fronteiras orientais bizantinas na época da Batalha de Manzikert (1071)



Fonte: MORRISSON, CHEYNET, LAIOU, *Le monde byzantin*, 1-3. Paris, 2003-2011

Anexo II: Árvores genealógicas das famílias Diógenes e Ducas



Anexo III: hierarquia de dignidades cortesãs para barbados (isto é não-eunucos) segundo o Kletorologion de Filoteu (fim do século IX)

Observação: Dignidades em *ítalico* são as consideradas de nível senatorial.

César
Nobelíssimo
Couropalates
Magistros
Anthypatos
Patrikios
Protospatharios
Dishypatos
Spatharokandidatos
Spatharios
Hypatos
Strator
Kandidatos
Mandator
Vestitor
Silentiarios
Stratekates e Apo Eparchon

Fonte: KAZHDAN, Alexander P. "Dignities and Titles". In: KAZHDAN, Alexander P. (org). Oxford Dictionary of Byzantium. Vol. 1, Oxford, Oxford University Press, 1991. p. 623